

A NEGRA, O VISIONÁRIO, O TRAIADOR: INDIVÍDUOS E TRAJETÓRIAS NA HISTORIOGRAFIA COLONIAL RECENTE

Paulo Miguel Moreira da Fonseca *

Resumo: O presente estudo procura cotejar três exemplos recentes de trabalhos biográficos dentro da temática da América portuguesa. Duas biografias tradicionais e uma "não-biografia" que dialogam e constroem suas personagens à luz das atuais discussões a cerca do objeto biográfico, narrativa e sujeito histórico. Baseando-nos nesses exemplos, visamos mapear as distâncias e as proximidades entre os diferentes trabalhos no que se refere à teoria, à metodologia, às fontes e à escrita da História. Com isso, buscamos estabelecer um balanço dessa forma de estudo, no Brasil nos últimos dez anos, que se refira ao corte cronológico proposto.

Palavras-chave: Biografia. Indivíduo. Historiografia colonial.

Abstract: The following analysis compares three examples of recent biographic studies about Portuguese America. We focus on two traditional biographies and a "non-biography" that draw their characters with the background of nowadays discussions of biographic subject, narrative and historical subject. These examples help us identifying distances and proximities between their choices in theory, methodology, documents and History writing. Therefore, we intend to establish an overview of this type of research in Brazil during the past ten years about our chronological proposal.

Keywords: Biography. Individual. Colonial history.

O surgimento da *Nova História* em fins do século XX reavivou a importância da ação do agente histórico e o peso dos indivíduos na construção da História. No Brasil, o renascimento da biografia histórica começou no final da década de oitenta, seguindo o movimento historiográfico mundial e com o impulso de fatores internos importantes, tais quais a expansão dos programas de pós-graduação e a revitalização dos centros de documentação e pesquisa, que forneceram maior acesso aos conjuntos e fontes históricas.

Neste momento, os historiadores que desenvolviam pesquisas em História Moderna tiveram notória participação na revalorização do sujeito como agente transformador da História. O motivo e a consequência principal dessa especificidade devem-se ao debate historiográfico que tem sido travado nos últimos anos no que se refere à tensão dicotômica entre indivíduo e estrutura. Ao questionar a teoria do Antigo Sistema Colonial, diversos historiadores hoje relativizam essa estrutura e apontam as brechas existentes no sistema normativo com o apoio de numerosas fontes. Uma maneira de denunciar as liberdades de ação

* Doutorando em História pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGH/UERJ).

individual foi acompanhar a trajetória de indivíduos que viviam imersos no Império Português e que conseguiam atuar ao largo do controle do reino.

Buscando uma síntese entre o conceito de Antigo Sistema Colonial e as novas abordagens que tratavam das ações dos agentes coloniais, Laura de Mello e Souza publicaria o livro *O Sol e a Sombra* (SOUZA, 2006), onde conjugaria a análise estrutural e as trajetórias dos funcionários portugueses. Dentro dessa proposta, cada uma das trajetórias pessoais analisadas pela autora evidencia uma característica distinta dos funcionários coloniais: a corrupção, a honra, o bom governo, o ostracismo na corte e outras mais. A partir da dicotomia entre o sol estrutural e a sombra conjuntural, a autora os abordaria levando em conta suas mútuas influências.

Devido ao debate intelectual acima indicado, procuramos definir o corte de análise das obras desse artigo dentro da temática da América portuguesa. Procuraremos cotejar três obras recentes da historiografia brasileira sobre América portuguesa que se utilizam do gênero biográfico, à luz das seminais influências de Carlos Antonio Aguirre Rojas (2000), Michel Foucault (1992), Pierre Bourdieu (2001) e Giovanni Levi (2001) para o pensamento da escrita histórica biográfica.

Tratam-se, cronologicamente, de *Um visionário da corte de D. João V*, de Adriana Romeiro (2001), sobre o herético Pedro de Rates Henequim, que conspirou contra João V e enxergou no Brasil a terra prometida de Antônio Vieira; *Chica da Silva e o contratador dos diamantes*, de Júnia Furtado (2003), a cerca da conhecida personagem do setecentos mineiro; e *Traição*, de Ronaldo Vainfas (2008), que conta a vida do jesuíta Manoel de Moraes, que lutou pelos portugueses em Pernambuco no século XVII, passou para o lado dos holandeses, converteu-se ao calvinismo e depois fez todo o caminho inverso, retornando à fé católica e às fileiras de Portugal. Escritas em um intervalo de pouco menos de dez anos, essas três obras apresentam diferentes objetivos e propostas. Enquanto *Um visionário...* é o resultado do doutoramento de sua autora, *Traição* aproxima-se mais a uma obra voltada para o público leigo, e *Chica da Silva...* nos parece caminhar em um meio termo entre as outras duas obras: um livro acadêmico, mas acessível ao leitor de fora da academia.

Desnecessário dizer que os três livros pautam-se no rigor da escrita da História, pelo uso criterioso e profundo das fontes. Contudo, naturalmente, o fazem de maneiras diferentes e nos possibilitam entrever como o indivíduo e a biografia vêm sendo abordados nos últimos anos. A forma que cada autor estrutura seu texto é, portanto, o objeto deste pequeno estudo, que procurará elencar as estratégias-chave de cada um e suas opções metodológicas.

Sobre a narrativa

Na introdução de *Um visionário...*, Adriana Romeiro estabelece claramente que seu estudo não é uma biografia (ROMEIRO, 2001: 16). De acordo com Romeiro, apesar da personagem retratada figurar em toda obra, ela não é o objeto principal. Isso se confirma na leitura do livro, onde percebemos claramente o uso do referido “visionário” como um exemplo de comportamento individual que reflete uma cultura política e que nos possibilita vislumbrar pontos de inflexão para uma análise mais abrangente das questões religiosas ligadas ao messianismo e à heresia.

As fontes utilizadas pela autora são, em sua maioria, do inquérito sofrido por Pedro de Rates Henequim nos cárceres do Santo Ofício. As características específicas desse tipo de fonte – por vezes cotejadas com outras diferenciadas – faz com que o primeiro capítulo tenha um ritmo “trepidante”, nas palavras da autora. Os inquéritos são documentos que permitem uma sensação de proximidade maior com a personagem; lemos seus próprios depoimentos acrescidos de outros favoráveis ou contrários ao réu, que criam por si só uma narrativa instigante. Narrativa muitas vezes desconstruída pelo pesquisador que as analisa, mas ainda assim, uma narrativa. Nos demais capítulos de *Um visionário...*, essa forma de escrever a História dá lugar a outra mais analítica e estrutural, mais descarnada de personagens, embora Henequim e outros personagens ainda estejam presentes.

Na introdução e ao longo de toda a construção da personagem Henequim, Adriana Romeiro deixa clara suas opções metodológicas no universo biográfico. Apesar de – não sem razão – negar à sua obra este rótulo, Romeiro utiliza como modelo para Henequim as propostas que Carlo Ginzburg e Natalie Zemon Davis cristalizaram na produção biográfica (GINZBURG; CASTELNUOVO; PONI, 1989). Para tanto, Romeiro propõe-se a “preencher as lacunas das fontes através de uma abordagem das semelhanças em busca de verossimilhança”. Em um misto de censura prévia e autocrítica, ela mesma conclui que “evidentemente, a opção por uma investigação baseada na complementaridade das fontes implica a aceitação do caráter conjectural dos resultados assim obtidos.” (ROMEIRO, 2001: 71)

As construções individuais feitas a partir do cenário e do contexto, bem ao estilo da micro-história, também estão presentes na pesquisa de Ronaldo Vainfas, *Traição*. Nesse sentido, talvez a passagem mais claramente associada a essa estratégia seja quando Vainfas insere sua personagem no contexto paulista da virada dos séculos XVI para XVII; dizendo:

Manoel de Moraes cresceu, portanto em meio tipicamente paulista, (...) viveu numa dessas casas da roça (...) de parede branca, dentro dela um colchão, um travesseiro, uma cadeira de espaldar, das redes, dois caldeirões, um castiçal, um frasco de vidro, a maior parte dos utensílios feitos de cerâmica, pau e pedra. (VAINFAS, 2008: 19)

Após ser habilmente inserido e naturalizado no cenário pelo autor através de uma prosa descritiva, Manoel de Moraes torna-se agente ativo dentro de seu meio. Em uma rápida transformação, desaparece a passividade – inclusive do verbo – e percebe-se a intervenção da personagem no cenário:

nasceu numa dessas taperas paulistas, dormindo em rede ou num estreito catre, e logo se familiarizou com o modo de ser mameluco. Aprendeu desde cedo a se guiar pelos matos, em geral de pé no chão (...) localizando posições pelo brilho do sol, marcando as horas da noite pela observação das estrelas. (VAINFAS, 2008: 20)

Paulista de Piratininga, Manoel de Moraes apresentaria, apesar de viver em mundo tão diverso, semelhanças com o Menocchio de Carlo Ginzburg e com o Martin Guerre de Natalie Zemon Davis.

Diferente dos demais livros, fundamentados principalmente em processos inquisitórios, *Chica da Silva...* tem por base inventários, livros de batismo, casamento e óbito da Capitania de Minas Gerais. Isso faz com que a narrativa seja mais distante da personagem, uma vez que a autora acabou optando por uma abordagem em certo sentido prosopográfica, com um cotejamento da personagem com seus contemporâneos. De qualquer forma, é também através do contexto que Júnia Furtado preenche os vazios da vida de Chica da Silva.

O mais relevante nos parece ser como a natureza das fontes transforma a abordagem do historiador. Diferente da narrativa próxima à personagem, possibilitada pela profusão de depoimentos e testemunhos que vimos sobre Henequim e também sobre Manoel de Moraes, a Chica da Silva de Júnia Furtado é resgatada através de fontes mais áridas e impessoais. Naturalmente, isso se reflete em sua descrição, repleta de datas e fatos que corroborem comparações com outras personagens do período. Essa diferenciação também fica clara se compararmos *Chica da Silva...* com outras biografias que retratem personagens contemporâneas, onde existe grande quantidade de fontes epistolares e documentos pessoais.

Ambas as biografias – *Traição* e *Chica da Silva...* – por motivos diversos, não dedicam muito espaço às questões teóricas e historiográficas abordadas. *Traição* assume um caráter de publicação de grande circulação; ainda que preparada e escrita com cuidado e minúcia em uma vasta gama de fontes, não parece haver espaço para ilações teóricas. Dessa forma, as indicações de notas referem-se quase sempre a questões factuais e de conteúdo. Quanto às questões conceituais, o autor limita-se a apontá-las e referir-se a elas em notas que indicam capítulos inteiros ou mesmo obras completas. Um bom exemplo disso ocorre no terceiro capítulo, onde Vainfas qualifica o ensino jesuítico como um “autêntico processo civilizatório à moda ocidental” (VAINFAS, 2008: 25) e remete à obra *O Processo Civilizador*, de Norbet

Elias. Entre diversos outros casos, também é interessante a referência ao tema de “relações amorosas entre senhores e escravas no Brasil colonial”, onde o autor cita *Casa-Grande & Senzala*, de Gilberto Freyre, e uma obra própria, o também clássico *Trópicos do Pecado* (VAINFAS, 2008: 362). É uma das poucas notas que o autor dá a si próprio.

Apesar de não se debruçar sobre questões teóricas da historiografia colonial, o livro tampouco segue uma estrutura puramente descritiva. Mesclado a capítulos narrativos e “trepidantes”, nos deparamos com diversos capítulos reflexivos que procuram “digerir” a narrativa. Nesses momentos, Vainfas relativiza conceitos como traição e heresia, avaliando o legado de traidor de Manoel de Moraes – de forma semelhante a que Jacques Le Goff (1999) fez com a imagem santificada de São Luís – e também realiza uma revisão bibliográfica abrangente (desde o século XVIII ao XX) sobre o que a historiografia já havia escrito sobre sua personagem.

Em *Chica da Silva...*, Júnia Furtado faz um trabalho maior, e talvez mais difícil e delicado, de mapeamento da vida de Chica da Silva e do contratador João Fernandes. Conforme comentamos na relação com as fontes, o resultado é um texto mais denso, ainda que também não existam análises teóricas profundas. A grande ênfase que Furtado parece fazer em sua pesquisa é a recorrente defesa da existência de um expressivo setor social formado por mulheres forras que possuíam e gerenciavam largos cabedais. Segundo Furtado, essa é uma característica exclusiva do Tejuco – atual Diamantina – em sua formação urbana em contraposição ao resto da Capitania de Minas Gerais. Considerando que a autora desenvolve outras pesquisas relativas à economia mineira, suas elites e grupos comerciais, entende-se que essa seja uma questão de fundo importante para Furtado.

Sobre o indivíduo e a ilusão

O candente tema da ilusão biográfica de Bourdieu (2001) afeta de diferentes formas as obras analisadas. Em *Um visionário da corte de D. João V*, esse dilema não tem espaço, uma vez que, como vimos, o livro não só não se trata de uma biografia como também retrata apenas um pequeno processo na vida de sua personagem principal. A vida de Henequim serve apenas como pano de fundo para as demais questões que são, em verdade, o foco do livro.

Já em *Chica da Silva...*, há de se considerar que se trata de um livro de desconstrução. Diferente das outras duas obras, Furtado tem uma preocupação grande em desmistificar a literatura anteriormente produzida sobre essa personagem cercada de preconceitos e paixões nacionalistas e raciais. Ao invés de buscar uma trajetória que a singularize, Júnia Furtado caracteriza a vida aporuguesada de Francisca da Silva de Oliveira. Uma mulher forra que

buscava se inserir na boa sociedade colonial, seja por si ou através de seus filhos, e recorrendo aos mesmos expedientes dos colonos portugueses, fosse através das ações de caridade, de sua atuação em diversas irmandades religiosas ou do mascaramento de suas máculas passadas (de cativa) ou presentes (de concubina). O importante, aqui, é mostrar – e esta é uma das propostas da autora – que Chica da Silva é apenas um exemplo desse setor ativo em Diamantina de mulheres forras chefes “de grossa casa”.

Visto por esse viés, o Henequim de Adriana Romeiro segue a mesma linha, uma vez que a autora afirma que

considerar o caso Henequim um acontecimento extraordinário significaria repetir o veredito do Santo Ofício e do Desembargo do Paço, ingenuamente convencidos de que se tratava de uma anomalia momentânea e não de um índice revelador da cultura política construída nas Minas no início do século XVIII. (ROMEIRO, 2001: 16)

Em *Traição*, o objetivo é inserir uma personagem desconhecida em um cenário já sedimentado. Nesse sentido, a despeito do largo conhecimento do autor sobre o conceito de ilusão biográfica, é possível perceber na obra de Ronaldo Vainfas a busca por um sentido de vida para Manoel de Moraes. Por um lado, o autor aponta e discute as diversas vertentes da personagem, notadamente as dicotomias entre *paulista* e *jesuíta*, ou *cristão* e *calvinista*. Por outro, vemos também diversas pistas de um olhar sobre uma vida em construção: seja no próprio título do livro, *Traição*, que antecipa os acontecimentos; seja na abertura da obra em que é narrada a chegada da personagem aos cárceres do Santo Ofício, o que confere uma sensação de clímax ao momento; ou mesmo em passagens menores do texto quando, por exemplo, o autor comenta uma carta enviada pela personagem ao Rei de Espanha dizendo: “O mais importante de tudo é que tais documentos indicam a *crecente* ambição que *passava a tomar conta* de Manoel”. (VAINFAS, 2008: 58. Grifo nosso.)

O pequeno arrolamento aqui feito procurou diagnosticar as principais características de uma produção cada vez mais crescente, seja de biografias ou de trabalhos que utilizam ferramentas da biografia. Talvez seja o momento para reavaliarmos não só as possibilidades dessas análises, mas também que História é escrita através das personagens. Esperamos que este sobrevôo auxilie futuras análises na permanente construção da escrita biográfica no âmbito da disciplina histórica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- AGUIRRE ROJAS, Carlos Antonio. La biografía como género historiográfico: algunas reflexiones sobre sus posibilidades actuales. In: SCHMIDT, Benito (Org.). *O biográfico: perspectivas interdisciplinares*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000.
- BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Coord.). *Usos & abusos da História oral*. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2001.
- FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: *O que é um autor?*. Lisboa: Vega, 1992.
- FURTADO, Júnia Ferreira. *Chica da Silva e o contratador de diamantes: o outro lado do mito*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- GINZBURG, Carlo; CASTELNUOVO, Enrico; PONI, Carlo. *A micro-história e outros ensaios*. Rio de Janeiro; Lisboa: Bertrand Brasil; Difel, 1989.
- LE GOFF, Jacques. *São Luís*. Rio de Janeiro: Record, 1999.
- LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Coord.). *Usos & abusos da História oral*. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2001.
- ROMEIRO, Adriana. *Um visionário na corte de D. João V: revolta e milenarismo nas Minas Gerais*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.
- SOUZA, Laura de Mello e. *O sol e a sombra: política e administração na América portuguesa do século XVIII*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- VAINFAS, Ronaldo. *Traição: um jesuíta a serviço do Brasil holandês processado pela Inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.